

Filmar a espera: aprendendo a ver com os pescadores do Campeche.

Artur Hugo da Rosa (UFSC)

Resumo¹

Busco, nesse artigo, compreender as estratégias teórico-metodológicas da antropologia visual aplicadas à documentação da pesca artesanal da tainha no Campeche (Florianópolis/SC), acompanhando um dia de pesca com a parêlha do Rancho do Seu Getúlio. Partindo da premissa de que, parte do trabalho da pesca é “olhar o mar”, logo se constitui uma tecnologia de *aprender com* (INGOLD, 2022), reflito por meio da produção de um diário de campo visual, explorando um paralelo entre o ofício do pescador, baseado na visão "analógica" de monitoramento da paisagem e a prática do pesquisador munido de uma câmara digital. A produção do diário visual (um mini-documentário) opera como mecanismo de tradução desse tempo de espera. Argumento que o registro audiovisual da "espera" na praia não captura um “tempo morto”, mas revela a *taskscape* (INGOLD, 2022), ou seja, as tarefas de uma paisagem composta pela relação pescador-ambiente. O ato de filmar, neste contexto, não se limitou ao registro passivo, mas constituiu um exercício de *filmar com* os pescadores, momento em que a câmara opera como instrumento de aprendizado e leitura do campo. Entre outras funções, diante das rápidas transformações urbanas e da pressão imobiliária sobre o território da pesca do Campeche, o registro visual em vídeo transcende o registro nostálgico, sendo também um dispositivo de salvaguarda, capaz de projetar futuros possíveis e legitimando a complexidade técnica desse saber-fazer.

Palavras-chave: diário de campo; pesca artesanal; documentário

1. Introdução: o campo e a câmara

Hoje vivemos num mundo inundado de imagens. Nunca se produziu tanta imagem como nas últimas décadas. A internet acelerou a produção e difusão de imagens, vídeos longos, *reels* e *shorts* em diferentes plataformas e redes sociais. Essa grande produção de imagens, dadas também pelas facilidades tecnológicas que temos hoje - literalmente na palma das mãos - em produzir audiovisual, certamente tem impacto na forma como fazemos

¹ Trabalho apresentado na 35ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2026).

pesquisa e também divulgamos nossos resultados parciais e finais. Neste ensaio, reflito sobre meus testes teórico-metodológicos, em construção (vale ressaltar) envolvendo produção audiovisual durante minha pesquisa, após cursar o primeiro ano de doutorado, realizada no curso de Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGAS/UFSC)², orientado pelo professor Rafael Devos.

Estou fazendo antropologia de “frente para trás”. Comecei “direto” no doutorado, vindo da arquitetura e urbanismo, mas trabalhando como documentarista e realizador audiovisual desde 2019, focado exclusivamente em temas relacionados a patrimônio cultural, turismo de base comunitária e urbanismo social. Se por um lado, há grandes desafios de entender o que é a etnografia, passando pelas intermináveis leituras dos clássicos, por outro, vejo alguns pontos positivos em estar nessa posição desafiadora: estar aberto para conhecer e testar conceitos novos para mim, ainda não encaixotados. Fazer valer a surpresa e o encantamento de certas leituras e autores para desenvolver os métodos de minha pesquisa. Ou seja, não estar condicionado a certos vícios, talvez. Bom, assim espero.

Hoje, mais que nunca, temos muitas formas de registrar dados de nosso campo, sejam audiovisuais, escritos ou observados. No meu caso, divido o caderno de anotações com uma câmera e eventualmente com um smartphone, no qual também posso escrever e fazer registros audiovisuais.

O objetivo não é se delongar muito na teoria nem nos dados de campo, tampouco nas explicações de minha pesquisa, mas sim na experiência de utilizar as ferramentas audiovisuais durante o campo e quais reflexões pude “tirar” até o momento, bem como identificar possíveis mudanças ao longo da pesquisa. Para contextualizar, faço uma breve apresentação do objeto de pesquisa.

A Praia do Campeche, situada na região sul da ilha de Santa Catarina, além de ter uma vista linda para a paradisíaca Ilha do Campeche, um patrimônio natural e arqueológico brasileiro, é também território da pesca artesanal da tainha (*mugil liza*). Durante os meses da safra da tainha, entre maio e julho³, a praia entra em disputa de usos e passa a ter outra política territorial de seu *lugar enquanto espaço praticado* (De Certeau, 2014). Os pescadores proíbem o surfe e demais esportes náuticos. Também há a suspensão da travessia de botes que levam turistas para a ilha do Campeche, medida inédita iniciada em 2026.

² Com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina (FAPESC), através do Edital 24/2025.

³ Esse é o período destinado para a safra, porém, ela pode ser encerrada antes por conta do alcance da cota estipulada para a modalidade de arrasto de praia.

Vale comentar a título de contextualização, que o bairro do Campeche atravessa um avanço acelerado de verticalização e especulação imobiliária, que redesenha uma nova paisagem a partir das permissividades da última revisão do plano diretor de Florianópolis, as quais deságuam em novas dinâmicas de uso e ocupação do solo. Estou falando aqui de gentrificação, tipologias cada vez menores, voltadas para aluguel de curta duração e a venda de uma ideia, um paraíso para os surfistas, que “podem surfar o ano todo”. É neste cenário de fricção, que minha pesquisa se insere, especificamente dentro do Centro Cultural e Rancho de Pesca Getúlio Manoel Inácio, analisando também um *tempo urbano*, caracterizado por processos de crescente urbanização, verticalização, gentrificação, contraposto com o *tempo da pesca*, do “mar dos pescadores”, pela temporada das tainhas, pelas sociabilidades no rancho de pesca. É dentro de um rancho de pesca que minha pesquisa se insere, o Centro Cultural e Rancho de Pesca Getúlio Manoel Inácio.

Venho trabalhando junto ao rancho desde 2020, por meio do Instituto Getúlio Manoel Inácio⁴, desenhando e fotografando nos projetos culturais relacionados à salvaguarda da pesca artesanal da tainha, que é meu principal tema dentro da pesquisa. A partir de julho de 2025 comecei a acompanhar de perto alguns momentos da pesca artesanal da tainha no Campeche e a construção do novo rancho de pesca do Seu Getúlio, que agora é também um centro cultural.

Entre as perguntas paralelas que nascem durante o campo, algumas têm o poder de nos pivotar, de nutrir curiosidades e tomar outros rumos, outros caminhos, possivelmente atalhos. Este texto nasce de uma reflexão metodológica surgida nos primeiros dias de campo, ainda no primeiro ano do doutorado, durante a safra da tainha de 2025. Como filmar a espera da tainha? A pesca de cerco de praia depende de uma gama de variáveis: frio, baixa temperatura superficial da água, maré, agrupamento do cardume, um olhar treinado do “vigia”, as redes e canoas aptas para ir ao mar e realizar a ação com eficácia técnica (MAUSS, 2017). Tudo isso envolve, fundamentalmente, a *espera*.

Essa *espera* foi documentada, mais de perto, em sete diárias de campo, que resultou em um diário de campo audiovisual e pode ser assistido neste link⁵, presente nas notas de rodapé. Este documentário, produzido descalço, com frio, molhando a perna, com poucos

⁴ Após o falecimento de Seu Getúlio, em 2018, a família criou o Instituto Getúlio Manoel Inácio (IGMI), com o objetivo de dar continuidade às atividades do rancho. Este rancho de pesca tem a particularidade de ficar aberto o ano todo, pois desenvolve atividades culturais como projetos de música, cinema, aulas de canoa a remo, capoeira, etc.

⁵ https://www.youtube.com/watch?v=-65jR_CUpqI

equipamentos⁶, é o material etnográfico central deste pequeno artigo. Aconselho aos leitores e leitoras assistirem ao documentário, com apenas 18 minutos, antes de seguir com a leitura.

O curta se chama “Enquanto as tainhas não vêm” e aborda esse momento de espera do peixe. Mas não uma espera passiva, mas de preparação, de ajustes técnicos, tanto dos petrechos de pesca para a garantia de seus *affordances*⁷ (GIBSON, 2015), mas também da preparação do corpo para pescar, lendo aqui no sentido de Mauss (2017), das *técnicas corporais*, que vão garantir a eficácia da captura, a ideal *correspondência*, tanto da captura quanto das armadilhas de capturas, nos termos de Ingold (2022) e por fim, da construção do novo espaço físico. Pretendo discorrer nos próximos capítulos sobre como se deu a produção audiovisual desse documentário, filmado entre e com os pescadores, no meio da pesca e da preparação das redes e da construção do novo rancho⁸.

Imagem 1 - Pescadores na espera, às 6h da manhã.



Fonte: frame do documentário, autor (2025).

⁶ Na minha mochila de equipamentos vai uma câmera mirrorless, duas lentes (50 e 35 mm), um filtro ND variável, um microfone direcional, um lapela, um drone, baterias e cartão de memória. Não utilizo tripé. Pode parecer bastante, mas é super compacto para qualquer produção audiovisual.

⁷ Lido aqui na chave técnica como a potencialidade de ação, por exemplo: uma rede com todos os remendos costurados propicia eficácia técnica em não deixar um futuro peixe escapar por um “buraco” (categoria nativa), garantindo a potencialidade máxima da rede.

⁸ Talvez o texto não possua espaço para descrever outros assuntos teóricos de minha pesquisa em andamento, mas um rancho de pesca é uma edificação retangular, com telhado em duas águas, portas grandes para entrar e guardar as canoas e petrechos de pesca, como redes, remos, coletes, etc. O rancho é um ponto nodal de atividades e não se limita a edificação. É possível tornar “rancho” um espaço da praia. A transformação existe na medida em que as redes são puxadas para a faixa de areia, na medida em que o trabalho de desmalhar o peixe é feito na praia, que o dominó é jogado na praia junto da canoa posicionada e da espera do sinal do vigia.

2. "Tem que ter o olho bom"

Imagem 2 - Patrão e vigia apontando para os cardumes.



Fonte: frame do documentário, autor (2025).

O crítico de arte John Berger diz em seu livro *Modos de Ver* (2022), que “a visão precede a palavra (...) olhar é um ato de escolha” (2022, p. 15-16). Olhamos primeiro, lemos depois. Vemos e percebemos o mundo e isso também é uma forma de leitura, uma leitura por meio da percepção visual (GIBSON, 2015). Com essa leitura, com seus enquadramentos e escolhas, também apreendemos sinais e códigos que nos ajudam a estruturar um conhecimento que talvez a linguagem verbal não daria conta, pois vemos as tarefas acontecerem, vemos as pessoas fazendo coisas, vemos as práticas, vemos os “não ditos”. Somos também afetados pela visão, forçando um paralelo entre visão e palavras, por meio do raciocínio da afetação de Saada (2005).

Sylvia Caiuby Novaes traz uma reflexão interessante abordando a etnografia e o fazer filme, em que ambas fazem a gente ver o que não era visto. Novaes escreve que “a etnografia nos permite ter acesso a uma realidade outra que está como que submersa nas teias da familiaridades que encobrem nosso olhar” (2004, p. 12). Gravar durante o campo permite ver “muitas vezes” detalhes que não entendemos, fragmentos da atividade que não vimos naquele momento e, além disso tudo, permite mostrar nossa pesquisa aos nossos interlocutores, colegas da academia e sociedade em geral. Mas claro, há um preço, também somos intermediados pela câmera, uma máquina de olhar, registrar e documentar, que em determinadas ocasiões causa afastamento do contato “olho no olho” e estabelece uma relação assimétrica de poder entre pesquisador-filmmaker e interlocutores.

Eu não imaginava que os pescadores possuísem uma percepção visual tão treinada. Remendando redes, analisando os nós, costurando, jogando dominó ou olhando o mar, avistando de longe os cardumes, de vez em quando eu escuto “tem que ter um olho bom para fazer isso”. Isso despertou minha curiosidade: será que o “ter olho bom” para a pesca é também o mesmo “olho bom” para filmar?

Então, me pus a aprender com os pescadores, assim como Ingold (2022) conceitua a antropologia: “um aprender com e aprende a partir de” (2022, p. 18). Além da documentação, me propus, neste tempo de espera da tainha, a ver, ouvir e perceber o cotidiano dos pescadores dentro do rancho e na praia. Tentar chegar perto de uma *educação da atenção*⁹, formulada por Gibson, em 1979 e citado por Ingold (2020, p.53).

Então, o que era estar em campo, dentro de um rancho de pesca, com uma câmera na mão, enquanto as tainhas ainda não chegam? Fui percebendo que a situação etnográfica me dava sinais de como eu poderia estar com a câmera na mão. Eu não sabia as atividades que estavam sendo feitas, então me colocava como aprendiz para filmar e perguntar sobre. Se por um lado, poderia ser desconfortável apontar a câmera para o interlocutor, uma estratégia foi eu estar mais afastado, utilizar outros enquadramentos e focar nas atividades, ou seja, em planos detalhes como mãos, pés, objetos, e também planos abertos, mostrando movimentação, grupos, rancho e canoa. A espera, aparentemente passiva, se tornou ativa, se transformou em um mundo para reconhecer e entender.

Continuando nessa questão, a presença da câmera aciona uma consciência de imagem nos nossos interlocutores, que pode alterar sua maneira de estar vivendo “naturalmente” seu cotidiano para “projetar” uma imagem desejada, transmitir intenções ou até posar (NOVAES, 2004). Então, me coloquei o mais discreto possível, depois que percebi certas mudanças de comportamento provocadas pelo aparecimento da câmera no local. É válido lembrar que após uma convivência maior, a câmera passou a transmitir mais naturalidade entre os pescadores, o que ajudou muito na captação de imagens espontâneas, inclusive me pedindo fotos e dizendo o que e o porquê eu deveria filmar tal assunto, ação, objeto, etc.

A partir da *educação da atenção*, estar com a câmera nos proporciona outras “atenções”, é um outro olho, um cine-olho, um registro perfeito, como diria o cineasta futurista Vertov. Carlos Sautchuk (2013) chama isso de *acoplamento*, no qual a câmera atua como um órgão de percepção ampliado, proporcionando um engajamento técnico

⁹ Segundo Ingold (2022, p. 53), “Quando o sistema perceptivo do praticante experiente ressoa com as propriedades do ambiente. Quanto mais experientes nos tornamos percorrendo os caminhos da observação, (...) mais capazes de perceber e responder fluentemente às variações ambientais aos invariantes paramétricos que estão por trás deles.” A isso, Gibson chama de “educação da atenção”.

corporificado. Ou seja, estar atento à luz, aos planos, aos enquadramentos, também me faz perceber detalhes e nuances das práticas associadas às atividades da pesca. Estou sempre perseguindo a luz, procurando silhuetas, formas, composição de cores, enquadramentos, etc. Essas “buscas” por estruturas e composições de imagens são desejáveis por mim, faz parte do que eu estou vendo, tentando transformar a prática em algo poético visualmente. É o olhar do fotógrafo que pode ser aliado ao olhar do pesquisador, bem como as posturas, movimentos e técnicas do corpo (MAUSS, 2017), aprendidos ao fotografar e filmar, serem incorporadas à prática da pesquisa, como a não utilização de tripé, elemento que tiraria meu controle sobre a estabilização da imagem. Preferência total por câmera-móvel, garantindo mobilidade e proximidade com os pescadores. Annie Comolli (2009), comenta sobre ter o corpo como suporte da câmera, um entrelaçamento entre os dois instrumentos, corpo e câmera. Buscar por planos diferentes também faz a gente ver nosso objeto por dimensões diferentes. Mas a câmera na mão também implica em longos períodos de cansaço, preparo muscular, se movimentar sem atrapalhar ou incomodar os pescadores e dominar o ritmo das tarefas deles.

Porém, por mais que a câmera também funcionasse como um dispositivo pedagógico, é interessante pensar na relação analógico-digital. Enquanto o corpo do pescador opera com alta precisão processando em tempo real não só as atividades manuais, mas os dados ambientais como o vento, a maré, as ondulações, eu mediado pela câmera, processava o que estava acontecendo em minha frente, convertendo luz por uma aproximação matemática em arquivo digital pixelizado.

É próximo do pensamento de MacDougall, no qual Cézar comenta no texto *Filme etnográfico por David MacDougall (2007)* sobre a câmera como instrumento de investigação ativa e descoberta antropológica. Uma câmera interativa e reativa, que não interfere, mas também participa (MACDOUGALL, 2009). A câmera passou a ser pedagógica, ora as atividades me atraíam para filmar, e com atenção eu compreendia os movimentos, os porquês, e ora os próprios pescadores me chamavam para ensinar e gravar eles mostrando como se faziam, por exemplo dar laços, fazer amarração de corrente nos cabos, remendar redes, olhar o mar e procurar os sinais de presença das tainhas.

3. A câmera como instrumento de reconhecimento da paisagem.

Dentro da organização social da pesca, existem diferentes funções. Em média, o Rancho do Seu Getúlio reúne cerca de 80 homens no período da safra da tainha. Os

pescadores assumem diferentes funções, como o patrão¹⁰, ajudantes¹¹, cozinheiros¹², vigia¹³, remeiros¹⁴ e chumbeiro¹⁵. Para além das atividades relacionadas à pesca, os pescadores não só trabalham em remendos nas redes e manutenções nas canoas¹⁶, mas também fazem torneios de dominó e confraternizações, fazendo do rancho um espaço de sociabilidades¹⁷.

Já pude experimentar o caminhar e o fotografar como método de pesquisa durante meu mestrado em arquitetura e urbanismo. Andar e fotografar, colocar o corpo em função da produção de imagens podem nos ajudar a aprender sobre a paisagem, a reconhecer território de estudo, capturar e narrar o simbólico presente no lugar, registrando as materialidades e imaterialidades que compõem a paisagem da pesca (ROSA, 2023).

Trago um texto de Ingold (2021) para a discussão, no qual ele incorpora a temporalidade na noção de paisagem e isso está sendo fundamental para as questões teórico metodológicas de minha pesquisa. A paisagem nunca é a mesma no decorrer do tempo. Milton Santos (2012) a definia como “sobreposição de atualidades” cristalizadas no espaço. A paisagem é uma totalidade, mas é uma totalidade que possui seu progresso temporal macro, com longas acumulações em grande espaço de tempo, um tempo geológico, mas também uma escala micro de temporalidade, na qual engloba as pequenas alterações como as mudanças das nuvens, a cor do céu, as árvores balançando durante um vento sul, os desenhos na faixa de areia causados pelas movimentações dos pescadores com seus tratores, carretões, estivas, motos e bicicletas, colocação de bandeiras “proibido surf”, pegadas, etc.

¹⁰ Gerencia os pescadores no rancho de pesca, escolhe a tripulação e comanda o leme da canoa.

¹¹ Auxiliam a puxar a rede do mar

¹² Responsáveis pela cozinha do rancho e preparo das refeições, desde o café da manhã até o almoço.

¹³ Observa a chegada do cardume e avisa aos pescadores para colocar a canoa na água.

¹⁴ Remadores da embarcação, que são divididos em ré, contra ré, contra proa e proa.

¹⁵ Responsável por jogar a rede ao mar da maneira correta para a captura dos peixes.

¹⁶ Atualmente, a parêlha conta com duas canoas, a Glória e, mais recentemente, a Glorinha, ambas canoas bordadas feitas de garapuvu. A canoa Glória tem mais de 70 anos e seu nome é uma homenagem a uma das filhas do seu Deca, pai de Seu Getúlio. A Glória é uma das embarcações mais importantes para a pesca da tainha em Santa Catarina, pois mantém as características tradicionais do cerco de beira de praia, e presenciou grandes lanços ao longo de sua existência.

¹⁷ A própria relação com o trabalho pesqueiro se modificou, dado que, no presente, a maior parte dos pescadores não realiza a atividade para sua sobrevivência; tornou-se, mais que tudo, uma forma de reitar relações de sociabilidade e reforçar laços identitários.

Imagem 3 - Os pés, o frio e as estivas durante a espera.



Fonte: frame do documentário, autor (2025).

Imagem 4 - Bandeira de “proibido surf”, colocada pelos pescadores na extensão da praia.



Fonte: frame do documentário, autor (2025).

Imagem 5 - Canoa posicionada, à espera dos sinais do vigia e início do cerco.



Fonte: frame do documentário, autor (2025).

Observando de fora, durante um dia de pesca, as cenas podem parecer estáticas, com os pescadores no rancho remendando redes, jogando dominó, tomando um café, organizando os petrechos, olhando o horizonte ondulado do mar. Mesmo quando eles estão com a canoa apontada para o mar, esperando o sinal do vigia e o comando do patrão para colocar a canoa na água e cercar o cardume, pode parecer um momento calmo. Porém, todos esses momentos são preparatórios, são pensados e planejados para a melhor eficácia técnica da captura (MAUSS, 2017). E todos esses momentos também incidem na alteração da paisagem. As imagens captadas no diário de campo visual revelam uma *taskscape* (INGOLD, 2021), a paisagem participando em correspondência com a prática, como um tecido em permanente construção pelas tarefas, atividades sociais, encontros multiespécies, leituras e sinais do ambiente, mudanças atmosféricas, alterações da maré, estado da lua, seres bióticos e abióticos.

Acompanhando e registrando esses dias de pesca, gravando e anotando conversas ao caminhar, ao segurar a rede, ao empurrar a canoa, ao almoçar e tomar café com eles, eu e a câmera estávamos quase nos tornando camaradas. A câmera também pesca junto¹⁸. A câmera, inicialmente um corpo estranho, vira um dispositivo de “aprender a ver”, de investigação etnográfica, nos moldes ingoldianos de “aprender com”.

Imagem 6 - Pescadores no dominó. Ao fundo, a ilha do Campeche.



Fonte: frame do documentário, autor (2025).

¹⁸ Há fotografos na equipe do rancho, fazendo essa documentação visual da prática há mais de 10 anos, como o caso da fotógrafa Mara Freire, presente no filme.

4. Conclusões: documentário como salvaguarda e antropologia compartilhada.

O *tempo de espera* é maior que o *tempo de pesca*. O fazer-documentário me permitiu interpretar, conforme nos ensina Geertz (2008) a espera como uma *ação técnica*, orquestrada por uma série de movimentos, tarefas, trabalhos, sinais do ambiente, interações com a paisagem marítima, redes sociais, legislações e laços comunitários que são encadeados e acionados do cerco. A documentação visual também me permitiu refletir sobre as técnicas corporais, o olhar digital e o olhar analógico tanto de pescadores quanto minhas enquanto documentarista. Ambos operam pela *educação da atenção*, tanto para garantir a captura da tainha, seu consumo e venda para a comunidade, quanto para registrar visualmente o desenrolar da prática, sua inteligibilidade, seus sistemas e organização social. O "filmar junto" me permitiu chegar próximo e entender a *taskscape* invisível, ou pouco evidenciada, que compõe a pesca da tainha no Campeche.

Filmar é ter uma interpretação da realidade, uma representação do presente etnográfico. É um jogo entre subjetividade, impressa nos desejos do documentarista, com a objetividade da descrição etnográfica do pesquisador (SZTUMAN, 2004). Unindo as pessoas, o pesquisador-documentarista produz conhecimento sobre a realidade, sobre uma parte dela, um conhecimento aproximado, nos termos de Bachelard (2004).

É impossível falar sobre a relação cinema-antropologia sem mencionar Jean Rouch, e que neste caso, estou totalmente afinado com as ideias dele. A reflexão da pesquisa é intrínseca ao projeto de filmagem da obra como realização também antropológica. Trata-se de um campo-set de filmagem, com uma equipe de uma pessoa só, sem iluminação pensada e intervenções nas cenas e diálogos naturais. Cinema-verdade. Rouch defendia que o cineasta não deve apenas observar, mas participar e devolver a imagem aos sujeitos, criando um diálogo entre filme e interlocutores-personagens. O documentário é um material constituído de conhecimento passível de ser compartilhado, uma mão-dupla entre observadores e observados (SZTUMAN, 2004).

O documentário também é um fazer antropológico pensado como meio de comunicação, portanto, de difusão do patrimônio cultural, em outras palavras, de salvaguarda. Neste cenário, que também envolve disputa, tanto territoriais quanto existenciais, voltadas ao futuro prática, que precisa garantir sua continuidade em meio à pressão imobiliária, urbanização e gentrificação do Campeche, relações amistosas com surfistas e barqueiros, além da cota de pesca que, em 2026, interrompeu a safra para os pescadores do sul de Santa Catarina no início de junho. Portanto, o documentário pode

extrapolar a função de arquivo e operar como um dispositivo para salvaguarda, por garantir acesso à políticas de incentivo, criar outras pontes e relações da pesca com outros atores do território e difundir os valores associados a pesca, como a colaboração, força, trabalho, fé, comunidade e economia compartilhada através dos quinhões¹⁹.

5. Referências bibliográficas e audiovisuais

BACHELARD, Gaston. **Ensaio sobre o conhecimento aproximado**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004. 318 p.

BERGER, John. **Modos de Ver**. São Paulo: Fósforo, 2022. 182 p. Tradução de Hugo Mader.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do Cotidiano**. 22. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2014. 318 p.

CEZAR, Lilian Sagio (Ed. e Trad.). **Filme etnográfico por David MacDougall**. Cadernos de Campo, São Paulo, n. 16, p. 179-188, 2007.

COMOLLI, Annie. Elementos de método em antropologia fílmica. In: FREIRE, Marcius; LOURDOU, Philippe. **Descrever o visível**: cinema documentário e antropologia fílmica. São Paulo: Estação Liberdade, 2009. Cap. 1. p. 23-52.

FAVRET-SAADA, Jeanne. **Ser afetado**. Cadernos de Campo, São Paulo, n. 13, p. 155-161, 2005.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 1. ed., 13. reimpr. Rio de Janeiro: LTC, 2008. 323 p.

GIBSON, James. **The ecological approach to visual perception**. New York: Psychology Press, 2015. 347 p.

INGOLD, Tim. **Antropologia e/ou educação**. Petrópolis: Vozes, 2020.

INGOLD, Tim. A temporalidade da paisagem. In: BESSA, Altamiro Sergio Mol (org.). **A unidade múltipla**: ensaios sobre a paisagem. Belo Horizonte: Escola de Arquitetura da Ufmg, 2021. Cap. 4. p. 110-157.

INGOLD, Tim. **Fazer**: antropologia, arqueologia, arte e arquitetura. Petrópolis: Vozes, 2022. 215 p.

MACDOUGALL, David. Significado e Ser. In: BARBOSA, Andréa; CUNHA, Edgar T. da; HIKIJI, Rose Satiko G. (Orgs.). **Imagem-conhecimento**. São Paulo: Papirus, 2009. p. 61-70.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Ubu, 2017. 576 p.

¹⁹ Divisão dos peixes para os pescadores da parilha, bem como para os ajudantes externos da comunidade que ajudou a puxar a rede.

NOVAES, Sylvia Caiuby. Imagem em foco nas Ciências Sociais. In: NOVAES, Sylvia Caiuby *et al.* **Escrituras da Imagem**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004. Cap. 1. p. 11-20.

ROSA, Artur Hugo. "Andar com uma câmera na mão": uma maneira de ler a paisagem. **Cadernos NAUI**, [S. l.], v. 12, n. 22, p. 199–218, 2023.

SANTOS, Milton. **Pensando o Espaço do Homem**. 5. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012. 96 p.

SAUTCHUK, Carlos Emanuel. **Cine-arma: a poiesis de filmar e pescar**. Série Antropologia, v. 440. Brasília: DAN/UnB, 2013. p. 1-32.

SZTUTMAN, Renato. Jean Rouch: um antropólogo-cineasta. In: NOVAES, Sylvia Caiuby *et al.* **Escrituras da Imagem**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004. Cap. 3. p. 49-62.